



Do mistério do crime ao enigma da vida

Peixe morto, de Marcus Freitas

Pedro Paulo Machado Nascimento Gloria*

Raras vezes um romance policial vai além do mistério que cerca o crime para tatear o enigma duradouro da existência humana: é o que ocorre a *Peixe morto*, do escritor mineiro Marcus Freitas.

Os dados com que o autor constrói a nebulosa criada em torno do assassinato despontam como nesgas poéticas insistentes. As descrições dos personagens são feitas em imagens plásticas, curtas como flashes, reveladoras da finura da linguagem. Entre elas se destaca a do cadáver inusitado (espécie de personagem “presente na ausência”, como o é toda vítima de romance policial), sintetizada na curta e incisiva frase que abre a narrativa: “Os peixes inundavam a boca”. A erudição não verborrágica do investigador do caso, também narrador, legitima-lhe a expressão trabalhada.

São marcantes na obra a ironia constante e a voluptuosidade de várias passagens, como a do capítulo “06 DE MAIO DE 2008, 16:00H”, com seu erotismo latente (como ocorre sempre que o nome “Elisa” aparece), porém exposto de uma maneira severamente plástica. Potencializada, a sensibilidade se conjuga ao máximo de disciplina imagética.

O jogo erótico da misteriosa Elisa e do investigador-narrador tem desde gracejos boccaccianos nos diálogos até apresentações de ambientes que lembram romances como *Senhora*, de Alencar. Sem contar

* Graduando em Letras (UFRJ).

que Elisa faz pensar numa Iracema urbana com a mente de uma Capitu cuja obliquidade não se encontra nos olhos, e sim na boca maravilhosa.

O romance é policial não apenas porque se encaixa no gênero, mas porque trata de maneira plenamente humana e existencial a ocorrência de um crime, material que um autor inábil teria transformado num festival escatológico de mortes bizarras, palavrões desesperados por imitar a linguagem coloquial e cenas de sexo explícito que não contentariam o leitor mais exigente.

Próximo da prosa poética, o texto nos faz lembrar que Marcus Freitas é também poeta de mão cheia, conforme se pode constatar na coletânea *No verso dessa canoa*, que reúne seus trabalhos de 1993 a 2005. Está, portanto, acostumado a lapidar a linguagem, o que significa que não é subjugado por ela, tampouco a subjuga.

Na verdade, sua busca formal tira partido do arcabouço e da estrutura do romance policial. Exemplo disso é a imagem do peixe que dá título à história retornar a todo momento, insistente, inexorável, como expressão da obsessão do investigador-narrador em solucionar o mistério. Além disso, a obra é cheia de cartas e folhas de diário que, por seu aspecto fragmentário, lembram tanto poemas em prosa quanto relatórios de investigação. Ao longo dos dias, o tema do peixe se desdobra em variações, cresce em intensidade e garante a unidade da obra, que se adensa e embeleza por conta da interligação sutil com inúmeras outras imagens e recorrências, como o nome e o corpo de Elisa.

Enfim, é um narrativa com todas as características de romance policial que, no entanto, perspectiva e excede o próprio gênero. É que o trabalho com a linguagem se mostra refinado tanto na construção de cada frase quanto na transcendência atingida pelo enredo, feito de uma tentativa de descobrir o assassino que leva o investigador a esbarrar em charadas que dizem respeito à vida em si – portanto ainda mais fadadas à insolubilidade.